

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO**  
**Faculdade de Teologia Nossa Senhora da Assunção**  
**Departamento de Teologia**

**Edgar de Jesus**

**O PAPA FRANCISCO E A NOVA EVANGELIZAÇÃO: UMA INTERPRETAÇÃO A  
PARTIR DA *EVANGELI GAUDIUM***

**Monografia**

**SÃO PAULO/SP**  
**2019**

**Edgar de Jesus**

**O PAPA FRANCISCO E A NOVA EVANGELIZAÇÃO: UMA INTERPRETAÇÃO A  
PARTIR DA *EVANGELI GAUDIUM***

Monografia apresentada ao Curso de Graduação em Teologia, da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel em Teologia, sob a orientação do Profa. Dr. Agnese Costalunga.

**SÃO PAULO/SP  
2019**

*Prefiro uma Igreja acidentada,  
ferida e enlameada por ter saído  
pelas estradas, a uma Igreja  
enferma pelo fechamento e a  
comodidade de se agarrar às  
próprias seguranças. Não quero  
uma Igreja preocupada com ser o  
centro, e que acaba presa num  
emaranhado de obsessões e  
procedimentos.*

**( Papa Francisco, EG 49)**

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço primeiramente a Deus que me concedeu o dom da vida e me agraciou com o Espírito de sabedoria e entendimento para buscar sempre mais conhecê-lo e amá-lo. Agradeço a Congregação Missionária de Santo Inácio de Antioquia (CMSIA) essa família religiosa que me acolheu e a todos os meus confrades que nunca mediram esforços para me proporcionar as condições necessárias para que eu alcançasse os meus objetivos. Agradeço ao Cláudio Amaral amigo de longas datas na Congregação e de quem sempre pude contar com preciosos conselhos.

Agradeço à PUC São Paulo pela excelente formação que me proporcionou além de ter me concedido a bolsa de estudos, com a qual eu pude concluir o curso de Teologia. Agradeço de forma especial a todo o corpo docente e a todos os funcionários da Faculdade Nossa Senhora da Assunção. Minha gratidão à minha orientadora, a Professora Agnese Costalunga por aceitar me orientar nesse trabalho.

Agradeço imensamente a Fred Ossamu Sato a Marina a Erik Sato e Talita Sato e Marina Biasus, pela amizade sempre presente e constante apoio em todas as minhas necessidades mas também nas alegrias. Também aos estimados amigos Sérgio de Souza e Rubinei de Faria, obrigado por sempre estarem ao meu lado.

Minha gratidão também a Nilda Silva por sua presença sempre amorosa e atenciosa. E agradeço também as amigas Olga de Faria, Wanda Maria Chagas e Maria Helena Lucena que também tanto colaboraram comigo nessa minha jornada.

Enfim, por tudo agradeço! Deus favoreça e abençoe a todos!

## RESUMO

O presente trabalho monográfico intitulado “O Papa Francisco e Nova Evangelização: uma interpretação a partir da *Evangelii Gaudium*” objetiva-se promover uma reflexão acerca do pensamento do Papa Francisco sobre a Nova Evangelização focando no paradigma da “Igreja em saída” que ele defende com ênfase na exortação apostólica *Evangelii Gaudium*. Para tanto, necessário se faz compreender a evolução do conceito de Evangelização ao longo da História da Igreja e como esse conceito implica hoje em uma renovação eclesial que envolve diretamente a ação das lideranças leigas e uma nova forma de atuação da Igreja na sociedade. O paradigma da “Igreja em saída” quer então tornar claro essa necessidade de abertura da Igreja para novas realidades, novos ambientes que ela precisa evangelizar mostrando um rosto acolhedor.

Palavras – chave: Francisco; Nova Evangelização; Igreja em saída.

## RESUMEN

El presente trabajo monográfico titulado “El Papa Francisco y la nueva evangelización: una interpretación a partir de *Evangelii Gaudium*” que tiene de objetivo promover una reflexión acerca del pensamiento del Papa Francisco sobre la Nueva Evangelización. Formando un paradigma de “Iglesia en salida” que él defiende con énfasis en la exortación apostólica *Evangelii Gaudium*. Por lo tanto es necesario hacer comprender la evolución del concepto de evangelización a lo largo de la Historia de la Iglesia y como ese concepto implica hoy en una renovación eclesial que envuelve directamente a una acción de liderazgo laical y una nueva forma de actuación de la iglesia en la sociedad. El paradigma de la “Iglesia en salida” quiere entonces tomar en claro esa necesidad de apertura de la Iglesia para las nuevas realidades, nuevos ambientes que ella precisa evangelizar mostrando un rostro acogedor.

Palabras claves: Francisco; Nueva Evangelización; Iglesia en salida.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>7</b>
<b>1 A NOVA EVANGELIZAÇÃO: ANÁLISE CONCEITUAL E HISTÓRICA .....</b>	<b>09</b>
<b>1.1 A evangelização nos primórdios do cristianismo .....</b>	<b>10</b>
<b>1.2 Evangelização no percurso histórico .....</b>	<b>11</b>
<b>2 A NOVA ENVANGELIZAÇÃO E SUA INTERPRETAÇÃO NA ERA PÓS- CONCILIAR.....</b>	<b>17</b>
<b>3 FRANCISCO E A APLICAÇÃO DA NOVA EVANGELIZAÇÃO: UMA IGREJA EM SAÍDA .....</b>	<b>26</b>
<b>3.1 A nova evangelização na Igreja do Brasil.....</b>	<b>33</b>
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>36</b>
<b>BIBLIOGRAFIA .....</b>	<b>38</b>

## INTRODUÇÃO

O presente trabalho, intitulado *O Papa e a Nova Evangelização: uma interpretação a partir da Evangelii Gaudium* se propõe a analisar o termo Nova Evangelização no contexto do Pontificado do Papa Francisco iniciado em 2013. De forma mais concreta pretende refletir como o Pontífice interpreta o termo Nova Evangelização na exortação *Evangelii Gaudium*. Contudo, para se adentrar na compreensão do Papa Francisco sobre essa tema se faz necessário estudar a expressão dentro de todo um contexto histórico.

A Igreja, consciente da necessidade de dar a conhecer Cristo e a Sua palavra, levando o homem a vivenciar uma relação de intimidade com Ele, “preocupou-se, desde a sua origem, em apresentar Cristo e fazer com que a Sua mensagem transforme a vida dos que a escutam. Ela nunca abdicou da sua tarefa constituinte que é a evangelização, caso contrário estaria a pôr em causa a sua própria razão de ser” (LOPES, 2015, p. 05). Francisco se situa dentro dessa preocupação histórica e de natureza essencial da Igreja.

Por isso esta pesquisa se propõe a analisar por meio de um percurso histórico a compreensão que a Igreja teve ao longo dos séculos do processo missionário/evangelizador. E como no atual contexto histórico essa compreensão resultou na adoção do termo “Nova Evangelização”. E o que se pode notar de antemão é a atualidade do tema que recorrente dentro da Igreja, pois se trata de uma preocupação emergente e de grande importância para a vida pastoral.

Por isso, o trabalho está organizado didaticamente em três capítulos. No primeiro capítulo busca-se fazer uma análise conceitual do tema “Nova Evangelização” e depois buscar compreender por meio de uma revisitada na história da Igreja como ao longo da história a Igreja compreendeu sua ação evangelizadora e missionária. Essa análise termina contudo no Concílio Vaticano II que é sem dúvida, o mais importante acontecimento eclesial da era contemporânea e que modifica radicalmente a autoconsciência da Igreja e sua atuação no mundo.

O segundo capítulo dará continuidade ao percurso histórico desenvolvido na continuidade da compreensão do termo Nova Evangelização. A interpretação conciliar do termo missão por meio do decreto *Ad Gentes* e as contribuições magisteriais dos pontífices da época, sobretudo do Papa Paulo VI e sua exortação *Evangelii Nutiandi* são sem dúvida importantes documentos que demonstram uma visão eclesial nova que visualiza de uma forma muito mais ampla o termo evangelização e tenta pois atualizar às novas realidades sócio-culturais e políticas na qual a Igreja se insere no mundo.

Ainda nesse capítulo vê-se a importante colaboração do Pontificado de João Paulo II. Ele como se verá, foi o primeiro a usar de forma sistemática o termo Nova Evangelização inserindo em uma preocupação com regiões e povos que já haviam sido evangelizados no passado e que agora precisavam ser evangelizados novamente de uma maneira nova. Sua encíclica *Redemptoris Missio* propõe a necessidade da Igreja de se relacionar com o mundo, sendo preciso, porém, para isso, que a Igreja olhe a si mesma, enquanto instrumento de diálogo.

Bento XVI, por sua vez, segue as mesmas perspectivas de seu predecessor e preocupa-se com a descristianização decorrente de uma sociedade globalizada e reconhece que uma solução adequada para este problema crescente é a Nova Evangelização. Para Bento XVI há uma necessidade de revitalizar o ato de crer. Essa preocupação ele deixará explícita ao convocar um Sínodo dos Bispos para tratar da temática da Nova Evangelização.

O terceiro e conclusivo capítulo desemboca no pontificado de Francisco cabe a ele lançar o documento conclusivo do Sínodo. Este documento é exatamente a *Evangelii Gaudium* que deixa transparecer em suas linhas toda a herança eclesial latina que Francisco trás consigo, o que se comprova com as consideráveis referências que a exortação faz ao Documento de Aparecida. Francisco busca uma renovação, um novo ardor missionário para a Igreja por isso ele tenta formular uma Nova Evangelização que seja condizente com a necessidade dos tempos atuais.

Francisco é muito feliz ao “traduzir” essa necessidade com a expressão “Igreja em saída” A Nova Evangelização deve implicar um novo protagonismo de cada um dos batizados. A Igreja cumpre essa missão quando se torna “o lugar da misericórdia gratuita, onde todos possam sentir-se acolhidos, amados, perdoados e animados a viverem segundo a vida boa do Evangelho” (EG, 114). Essa a centralidade da Nova Evangelização na compreensão de Francisco. No fim do capítulo ainda veremos a necessidade do testemunho de vida e da santidade dos cristãos nesse processo e também como a Igreja do Brasil tem acolhido e frutificado o pensamento de Francisco na sua ação pastoral.

## 1. A NOVA EVANGELIZAÇÃO: ANÁLISE CONCEITUAL E HISTÓRICA

O termo *Nova Evangelização* foi utilizado pela primeira vez pelo Papa João Paulo II (1978-2005), a expressão foi usada durante uma homilia proferida no Santuário de Santa Cruz, no dia 9 de junho de 1979, por motivo de sua Viagem Apostólica à Polônia, sua terra natal. Eis as palavras do Papa:

Ali onde se levanta a cruz aparece o sinal de que já lá chegou a Boa Nova da salvação do homem mediante o Amor. Ali onde se levanta a cruz, está o sinal de que teve início a evangelização. Outrora, os nossos pais levantaram, em vários lugares da terra polaca, a cruz como sinal de que já ali tinha chegado o Evangelho [...] nestes novos tempos, nestas novas condições de vida – volta a ser anunciado o Evangelho. Iniciou uma nova evangelização, quase como se se tratasse de um segundo anúncio, embora na realidade seja sempre o mesmo. A cruz está erguida sobre o mundo que gira. (João Paulo II *in*. HACKMANN; CAMARGO, 2016, p. 625).

“Através dessa expressão, João Paulo II sublinhava a tarefa da Igreja de renovar seu modo de se relacionar com o exterior, principalmente nas regiões de antiga cristianização” (COELHO, 2014, p. 227). O papa Wojtyla expressa-se com base no processo histórico próprio de seu tempo, porém, seu pensamento é sem dúvida fruto da renovação eclesial promovida pelo Concílio Vaticano II. Esse conceito tem sido bastante trabalhado e seu entendimento ampliado nos últimos trinta anos nos vários ambientes eclesiais.

No dia 21 de setembro de 2010, o Papa Bento XVI instituiu o Pontifício Conselho para a Nova Evangelização. Mesmo se tratando de um conceito novo, ele destaca a permanente necessidade de evangelizar que compete à Igreja. No pontificado do Papa Francisco o tema tem ganhado novo vigor e em está cada vez mais inserido como uma questão fundamental a ser pensada nesses tempos de contemporaneidade.

Este trabalho pretende, portanto, buscar entender o significado e a importância do termo *Nova Evangelização* adquirido sobretudo com o início do pontificado do Papa Francisco assim como sua aplicação no contexto brasileiro atual, através do método de estudo diacrônico do termo, fazendo as devidas relações conceituais desse termo de modo coeso e aprofundado sob a perspectiva cronológica até a sua forma atualmente empregada.

### 1.1 A evangelização nos primórdios do cristianismo

O termo evangelização está ligado diretamente a Evangelho, ou seja, à Boa Nova trazida por Jesus. Cumprindo um mandato do Senhor que diz “Ide pelo mundo e anunciai o Evangelho a toda criatura” (Mc 16,15) os discípulos conscientes dessa missão, e cheios do Espírito Santo (At 1,8 ; 2,1-11ss) iniciaram o processo de pregação e difusão do Nome de Jesus. Com São Paulo essa ação evangelizadora se torna mais sistemática, organizada. Após seu processo de conversão (At 9), Paulo procura difundir o Evangelho tanto por sua pregação, mas também enviando cartas as comunidades que ele visitava. Por meio de suas cartas Ele consegue alcançar um número muito maior de pessoas e expressar a veracidade de sua pregação e seu testemunho. “Ai de mim se eu não evangelizar” (1 Cor 9,16) afirma ele em uma de suas cartas.

Após ele muitos dos chamados Padres Apostólicos também utilizarão o recurso das cartas como ferramenta da ação evangelizadora. São João Evangelista, Santo Inácio de Antioquia, São Clemente, são exemplos a ser lembrados. Suas cartas chegaram também até nós e são exemplos de zelo apostólico. A *Didaqué* ou também conhecida como *Instrução dos doze apóstolos* importante fonte histórico-documental dessa fase inicial do cristianismo também relata a importância do discipulado e do anúncio da Palavra: “Filho, lembre-se dia e noite daquele que prega a Palavra de Deus para você. Honre-o como se fosse o próprio Senhor, pois Ele está presente onde a soberania do Senhor é anunciada” (Did. 4,1). É nesse período que os teólogos entenderão a dimensão missionária como algo próprio da Igreja.

Logo a teologia compreenderá que

a fonte da missão é, pois, a realidade profunda de Deus, isto é, sua economia salvífica trinitária, que Cristo nos apresenta. E da fé em Cristo, que revela e realiza a vontade do Pai de forma singular, nasce a missão, que não é uma simples função, como bem entenderam os primeiros cristãos, mas a alma, a expressão fundamental da vida da Igreja. (LOPES, 2015, p. 34).

A Igreja, ao longo dos tempos, não esqueceu o seu caráter missionário e procurou sempre exercer a sua missão, com mais ou menos intensidade, acentuando um ou outro aspecto, usando um ou outro método, mas tentando sempre seguir o seu fundador, Cristo, para que a vontade divina se realize. Mas a tarefa evangelizadora da Igreja não é desempenhada da mesma forma em todos os lugares nem em todos os tempos. Esse caminhar histórico é que será analisado a partir de então.

A mais importante ação de propagação do cristianismo nos três primeiros séculos se deu por meio do testemunho dos mártires. Os historiadores denominam esse período de *fase martirial*. Com efeito, ainda que o poder de influência que os martírios exerciam em relação aos cristãos, ao longo dos séculos II e III, careça de clareza, muitos documentos da época e sobretudo uma obra denominada *História Eclesiástica* de Eusébio de Cesareia, atestam a existência de incomensuráveis martírios, a partir dos exemplos desses mártires, da fé que eles depositavam na ressurreição de Jesus e na espera de sua volta iminente, muitos são os testemunhos de como daí se suscitaram novos crentes, mas também alimentaram a oposição (anticristã) e as perseguições.

O martírio é visto como um modo radical de seguir Jesus. Decorrente da perseguição, entre aquelas comunidades que não eram tão perseguidas, nasce uma “ascese martirial de vida”, que resulta de forma prática, na caridade e na solidariedade com as viúvas dos mártires, nasce o ideal da virgindade entre as jovens como uma prova martirial do seguimento de Jesus. A história dos mártires cristãos é a história das pessoas que se tornaram célebres pela lealdade em nome da fé que acreditavam em meio às perseguições que sofreram e as ofensas que enfrentaram, devido à crença que professavam em nome de Cristo.

## **1.2. Evangelização no percurso histórico**

Dois importantes fatos históricos acontecem no decorrer do século IV. Em 313, o imperador Constantino, por meio do Edito de Milão, concede liberdade de culto aos cristãos, e com isso, cessam as perseguições e os martírios. Em 390 o imperador Teodósio, pelo Edito de Tessalônica, proclama o cristianismo como religião oficial do Império. A partir de então, o Cristianismo passa a ter adeptos não mais oriundos de uma experiência mistagógica, mas de uma conveniência política. Resultarão desse processo, a união da Igreja com o estado, declínio do processo formativo na fé, crescimento do devocionismo e do clericalismo. Inicia-se a fase da *crístandade*.

A adesão ao cristianismo se transforma em convenção social. Não há mais necessidade de ensinamento, de discursos, o cristianismo é “aceito” por todos, ou quase todos. O mundo conhecido até então está sob a égide do catolicismo. A partir do século XV, com o fim do sistema feudal, reurbanização do continente europeu e a revolução comercial, surge a necessidade de um contato com um mundo desconhecido. Se estreitam as relações comerciais com o Oriente, a busca pelas especiarias faz com que se conheçam povos que não adotam a mesma religião.

Quando esse processo passa a ser controlado por Portugal e Espanha, “reinos católicos” e com a descoberta do Novo Mundo, a Igreja vê aí uma importante oportunidade de alargar o seu horizonte de atuação. Por isso, além de uma atividade de colonização e exploração mercantilista, a colonização dos territórios portugueses e espanhóis também foi uma ação evangelizadora. Tal fato explica por exemplo a presença de religiosos dominicanos na frota comandada por Pedro Álvares Cabral em 1500 que resultou na posse das terras descobertas por Portugal.

Por meio do sistema do *padroado* o poder temporal (o Estado, representado pelo rei) e o poder espiritual (a Igreja, representada pelo Papa) estabelecem um forte laço entre os dois poderes o que resulta na prática, que a coroa portuguesa determinava, por exemplo, a criação de dioceses e paróquias e a permissão ou negação da entrada de religiosos no território recém-descoberto. A atividade missionária é, pois, pelo menos no início do processo conduzida por Portugal de forma bastante politizada.

O fato é que nesse período é praticamente impossível distinguir os verbos “evangelizar” e “colonizar”. “Facilmente se identificava a cultura ocidental, e especialmente a portuguesa, com o cristianismo em si, fazendo com que ‘evangelizar’ fosse quase sinônimo de ‘aportuguesar’” (MATOS, 2011, p. 92). De tal forma que é inegável dizer também que a ação missionária assumida por Portugal e Espanha no início do século XVI era condicionada por um projeto colonizador. Isso afetará incondicionalmente a forma como a fé católica será vivida e compreendida pelos povos latino-americanos.

Enquanto isso, a Europa ocidental do século XVI sofre um grande impacto com a insurreição da Reforma Protestante conduzida por Martinho Lutero em 1517. Sucessivamente Calvino e o rei da Inglaterra Henrique VIII, também provocarão rupturas na cristandade pré-estabelecida e estratificada. A Igreja reage com o Concílio de Trento (1545-1563). É nesse período que o impulso evangelizador ganha força no novo mundo. Congregações surgem nesse período movidos pelo impulso evangelizador. Merece destaque a Companhia de Jesus, fundada por Santo Inácio de Loyola, cujos membros são conhecidos por Jesuítas. Deve-se a eles o grande trabalho missionário nos séculos XVI e XVII até a sua supressão em 1777.

A Revolução Francesa é o acontecimento mais marcante do século XVIII e desencadeia em eventos sócio-políticos que também suscitarão sucessivas mudanças no quadro político das nações. A independência dos Estados Unidos, a independência das colônias espanholas e do Brasil, o processo de unificação da Alemanha e sobretudo da Itália (que desencadeia a extinção dos chamados Estados Pontifícios) são eventos que transformarão

a forma como os Estados nacionais se relacionarão com a Igreja a partir de então. Todo esse processo se reflete na atuação evangelizadora da Igreja.

A ocupação imperialista das novas potências econômicas na África e na Ásia no fim do século XIX e começo do século XX, faz a Igreja retornar suas atenções novamente para regiões onde sua atuação não tinha alcance anteriormente. Muitos carismas e congregações nascem nesse período, a missão evangelizadora se torna mais ampla. No começo do século XX, merece destaque o Pontificado de Pio XI, e o seu interesse em promover as missões *ad gentes*. É no seu pontificado que nasce a *Propaganda Fidei* e as *Pontifícias Obras Missionárias*. Contudo, as iniciativas missionárias não abrangiam uma questão eclesial e global.

A urgência de uma nova evangelização para toda Igreja e para todos os cristãos foi proclamada pelo Concílio Vaticano II. A Igreja que o Concílio Vaticano II descreve é “sacramento”, no sentido de ser sinal transparente e portador de Cristo para a humanidade. Esta idéia e realidade fundamental, “Igreja sacramento”, abre caminho para que a *Lumen Gentium* conclame a uma evangelização universal, como consequência da natureza missionária da própria Igreja. A Igreja é missionária por sua realidade de “sacramento”, sinal transparente e também instrumento de salvação (LG 1)

“Respondendo a esta urgência o Concílio assume uma ótica ‘pastoral’, projetando toda a ação da Igreja para uma nova etapa apostólica” (VIGANÓ, 1989, p. 02). Trata-se em primeiro plano de perspectivas novas sobre a imagem da Igreja, uma nova ótica é pensada a partir da recuperação da atuação do leigo na missão eclesial. O Vaticano II estabelece assim a fundamental igualdade, dignidade e vocação de todos os membros da Igreja (LG 30). Por isso torna-se incompleto referir-se à Nova Evangelização sem citar o Concílio Vaticano II.

Apresentando a Igreja como povo de Deus, o Concílio procurou tornar a Igreja mais adaptada à realidade dos novos tempos, sem perder o seu âmago, para que o próprio Evangelho evidencie a sua pertinência hoje e sempre. “Reconhece o fundamento missionário da Igreja, pois esta nasce da missão, vive mediante a Boa Nova que deve proclamar imperativamente, devido ao mandato recebido do seu fundador e por ser comunidade de graça e salvação” (LOPES, 2015, p. 41).

O Concílio apresenta também a supremacia e a relevância do Espírito Santo na realização e missão da Igreja, que “só pode existir e prosseguir o seu caminho de seguimento ao seu fundador na força do Espírito, que não agiu somente na Igreja primitiva mas também no nosso tempo, considerado o tempo privilegiado do Espírito” (*idem, ibidem*). Nas palavras do decreto conciliar *Ad Gentes*:

A missão da Igreja realiza-se, pois, mediante a atividade pela qual, obedecendo ao mandamento de Cristo e movida pela graça e pela caridade do Espírito Santo, ela torna-se atual e plenamente presente a todos os homens ou povos para os conduzir à fé, liberdade e paz de Cristo (AG 5).

O Concílio apresenta e propõe aos cristãos também dimensões e metodologias importantes a ter em conta no exercício da atividade missionária da Igreja, tais como: o diálogo da Igreja com a cultura, respeitando-a e apresentando coisas novas capazes de dar mais sentido à própria cultura. Reconhece que “a missão da Igreja é diálogo com a cultura, que é legitimamente, em certa medida, autónoma da religião da Igreja, no entanto, o Evangelho, através dos cristãos, tem sempre algo de novo a dar ao mundo, à cultura do homem de hoje” (GS 58-59).

Os documentos conciliares convidam as Igrejas nascentes a tomarem “dos costumes e das tradições dos seus povos, da sabedoria e da doutrina, das artes e das disciplinas, tudo aquilo que pode contribuir para confessar a glória do criador, ilustrar a graça do Salvador, e ordenar, como convém, a vida cristã” (AG 22); o diálogo com as outras religiões, nas quais reconhece ‘elementos’ de verdade e de graça (AG 9), as chamadas “sementes do Verbo” (AG 11).

Contudo, ao falar da necessidade da atividade missionária da Igreja; o Concílio também foca a necessidade da formação. O trabalho em colaboração com os leigos que devem ser formados (cf. AG 17; 21); a cooperação entre os vários agentes da missão e institutos missionários (cf. AG 35-41); a espiritualidade e formação moral, espiritual, doutrinal e apostólica, do missionário, que deve estar em estrita união com Cristo e com a sua palavra.

O próêmio da Constituição sobre a Sagrada Liturgia, *Sacrosanctum Concilium*, em suas linhas iniciais, apresenta o que se propõe o Concílio quando deixa claro o objetivo de “acomodar as instituições às necessidades da época, sem ferir a fé, de modo que contribua para uma maior e melhor evangelização” (HACKMANN; CAMARGO, 2016, p. 633). Assim se expressa o referido documento:

O sagrado Concílio, propondo-se fomentar sempre mais a vida cristã entre os fieis, adaptar melhor às exigências do nosso tempo aquelas instituições que são suscetíveis de mudanças, favorecer tudo o que, pode contribuir à união dos que creem em Cristo, e revigorar tudo o que contribui para chamar a todos ao seio da Igreja

Esse trecho chama a atenção ao elencar elementos que comporão características da Nova Evangelização, a saber: a) intensificar a vida cristã dos fiéis: sendo que a Nova Evangelização está voltada para “tornar a vida dos cristãos católicos mais audazes, coerentes e vibrantes através de novas formas de expressar a alegria originada do encontro pessoal com Jesus Cristo, fonte primeira de toda fé” (HACKMANN; CAMARGO, 2016, p. 634); b) adaptar-se às exigências atuais: assim como toda a sociedade estava em profunda mudança, a Igreja, ao mesmo tempo instituição divina e realidade terrena, precisava “se ajustar às transformações sociais, políticas e culturais que influenciavam o ser humano e a sua religiosidade” (*idem; ibidem*); c) favorecer o que contribui para que as pessoas conheçam e amem cada vez mais a Jesus Cristo, e, assim, “possam participar realmente da Igreja, comunidade viva, corpo de Cristo” (*idem, ibidem*)

Dessa maneira compreende-se que o Concílio Vaticano II transmite uma renovação eclesiológica que “possibilitou uma nova autocompreensão da própria Igreja, influenciando de forma decisiva a missão evangelizadora da Igreja” (*idem. ibidem*). Ao analisar as consequências do Vaticano II para a evangelização, assim se expressa Batista Mondin (1984, p. 192):

Evento de importância capital no que concerne à evolução da autoconsciência da Igreja foi o Concílio Vaticano II, concílio eminentemente eclesiológico. Graças à ação poderosa e vivificadora de um novo Pentecostes, ele fez com que a autoconsciência da Igreja desse um salto qualitativo, que pode muito bem ser comparado à passagem da juventude à maturidade. Os textos do concílio traçam um panorama mais vasto, completo e profundo da autoconsciência da Igreja: eles documentam uma compreensão mais plena do ser da Igreja, misterioso e sacramental, da sua missão salvífica e da sua vocação missionária, dos papéis e tarefas dos próprios membros (leigos e hierarquia), de suas relações com os fiéis de outras religiões e com o mundo.

Em outras palavras, “a Igreja é convocada a purificar-se para melhor servir ao mundo como sinal do amor de Deus. Esse é o caminho da nova evangelização, que não é feito de exorcismos e anátemas, mas de um diálogo construído no poder sólido e invencível do amor” (COSTA, 2015, pp. 14-15). A Nova Evangelização é, antes de mais nada, uma ação espiritual, “a capacidade de assumir, no presente, a coragem e a força dos primeiros cristãos, dos primeiros missionários (BRIGHENTI, 2013, p. 84).

O objetivo dessa análise do pensamento conciliar acerca da missão e da evangelização é condições de compreensão do funcionamento dinâmico confiado ao conceito de “Nova Evangelização”. Ele indica o esforço de renovação que a Igreja é chamada a fazer para estar à altura dos desafios que o contexto social e cultural de hoje coloca à fé cristã, ao seu anúncio e ao seu testemunho, como consequência das profundas mudanças em curso. A Igreja responde a estes desafios não cruzando os braços, não fechando-se em si mesma, mas “através do lançamento de uma operação de revitalização do seu próprio corpo, tendo colocado no centro a figura de Jesus Cristo, o encontro com Ele, que doa o Espírito Santo e as energias para um anúncio e uma proclamação do Evangelho” (*idem* p. 85) criando novos caminhos, capazes de falar às culturas de hoje.

## 2 A NOVA ENVANGELIZAÇÃO E SUA INTERPRETAÇÃO NA ERA PÓS-CONCILIAR

Após a grande novidade da Igreja que foi o Concílio Vaticano II, a Igreja até então caracterizada por um movimento de progressiva centralização conservadora e uniformidade dogmática, litúrgica e moral, passava a se mostrar sensível às mudanças históricas e culturais. Aberta à diversidade, a Igreja entenderá que é preciso que as Igrejas particulares se organizem para da melhor maneira possível entenderem e aplicarem a mensagem conciliar.

Por isso, nesse sentido, destaque devido deve ser dado à América Latina. Alguns anos antes do Concílio, em 1955 no Rio de Janeiro, a Igreja Latino-americana já havia constituído um pequeno esboço do que hoje se chama CELAM (Conselho Episcopal Latino Americano e Caribenho). E apenas três anos após o encerramento do Concílio, se apressará em reunir-se em 1968, na cidade de Medellín na Colômbia, para “traduzir” a novidade conciliar para a realidade do povo latino.

Dessa maneira, o termo “Nova Evangelização” já é utilizado em Medellín para expressar a exigência de levar adiante a renovação do Concílio Vaticano II “através de um novo modelo de pastoral: “passar de uma ‘pastoral de conservação’, com ênfase na sacramentalização (de cristandade), para uma pastoral transformadora (Med 6,1), com ênfase na evangelização (de pós-cristandade)” (BRIGHENTI, 2013, p. 84). Dessa maneira percebe-se que o tema da evangelização suscita provocações em toda a Igreja e será por isso continuamente abordada por Paulo VI. Ele convoca para o Ano de 1974 o 3º Sínodo dos Bispos que teve como tema “*Da Evangelização no Mundo contemporâneo*” e dele resulta a Exortação Apostólica *Evangelii Nuntiandi*, publicada em 08 de dezembro de 1975.

O Papa nos leva a perceber que a *Evangelii Nuntiandi*, antes de ser mais um documento do Magistério da Igreja, trata de nos apresentar a evangelização como um “processo integral e global, o qual deverá, desde já, na vida de cada um dos católicos, despertar o sentimento de corresponsabilidade e consciência pessoal perante as necessidades do nosso tempo” (RABELO, 2017, p. 15). Evangelizar segundo o documento é levar a Boa Nova a todas as parcelas da humanidade (EN 18). “Evangelizar é também, a própria missão da Igreja: ela existe para evangelizar, ela é a continuadora da missão de Jesus” (CARVALHO, 2016, p. 414).

A centralidade da evangelização na *Evangelii Nuntiandi*, está nas pessoas, a quem nós devemos transmitir intata e viva a Palavra de Deus. O documento quer deixar clara a ação perene e missionária da Igreja e de todos os cristãos. A ação evangelizadora se torna uma

afirmação da identidade da Igreja. “Evangelizar constitui, de fato, a graça e a vocação própria da Igreja, a sua mais profunda identidade. Ela existe para evangelizar, ou seja, para pregar e ensinar, ser o canal do dom da graça[...] (EN 14).

O documento aponta também para a necessidade de se desenvolver uma evangelização verdadeiramente nova capaz de transformar a cultura. Nas palavras do documento:

A ruptura entre o Evangelho e a cultura é sem dúvida o drama da nossa época, como o foi também de outras épocas. Assim, importa envidar todos os esforços no sentido de uma generosa evangelização da cultura, ou mais exatamente das culturas. Estas devem ser regeneradas mediante o impacto da Boa Nova. Mas um tal encontro não virá a dar-se se a Boa Nova não for proclamada (EN 20).

Percebe-se o cuidado do Papa Paulo VI de oferecer à pessoa humana daquela época, atingida pelo ateísmo e pela ausência de prática religiosa, “os meios necessários para que ele pudesse encontrar respostas para as suas interrogações, próprias de seu tempo, e que a fé e a mensagem cristã poderiam iluminar através da evangelização”( HACKMANN; CAMARGO, 2016, p. 635).

Fica assim claro, o desejo que haja uma evangelização renovada, capaz de tornar compreensível, o Evangelho ao ser humano e aproximá-lo de sua realidade cotidiana. Assim, Paulo VI busca fazer a ligação entre a evangelização, o homem moderno e a cultura da época, essenciais para se entender e vivenciar uma Nova Evangelização de fato. É nesse sentido que a exortação é inovadora. Consciente da complexidade e abrangência da ação evangelizadora, João Paulo II defenderá uma nova evangelização: "nova em seu ardor, nova em seus métodos e nova em suas expressões". Paulo VI falará em sentido inverso em sua exortação.

Na *Evangelii Nuntiandi* se fala primeiro em uma evangelização nova na maneira de expressar o conteúdo (expressões): "Na mensagem que a Igreja anuncia, há certamente muitos elementos secundários. A sua apresentação depende, em larga escala, das circunstâncias mutáveis. Também eles mudam [...] " (EN 25). "É por isso que a evangelização comporta uma mensagem explícita, adaptada às diversas situações e continuamente atualizada[...]" (EN 29).

Depois se pensa em uma evangelização nova em seus meios (método): "Este problema de 'como evangelizar' apresenta-se sempre atual, porque as maneiras de o fazer variam em conformidade com as diversas circunstâncias de tempo, de lugar e de cultura e por isso mesmo, lançam um desafio a nossa capacidade de descobrir e adaptar[...]". "Incumbe o

cuidado de remodelar com ousadia e com prudência e numa fidelidade total ao seu conteúdo, os processos, tornando-os o mais possível adaptados e eficazes, para comunicar a mensagem evangélica aos homens de nosso tempo" (EN 40).

E por fim fala de uma evangelização nova em seu fervor (ardor): "Uma evangelização inspirada no fervor que se pode observar sempre na vida dos grandes pregadores e evangelizadores, que se consagraram ao apostolado". [...] "Esta falta de fervor manifesta-se no cansaço e na desilusão, no acomodamento e no desinteresse e, sobretudo, na falta de alegria e esperança em numerosos evangelizadores" (EN 80). Assim, a exortação com um estilo sintético e claro, abordando os temas de forma compreensível e assimilável teve bastante difusão e aceitação na Igreja global, prologando e assumindo em dimensão eclesial o tema da Nova Evangelização.

Não é pois, difícil compreender porque esse documento respaldará tanto os Bispos latino americanos reunidos em Puebla (México 1979) que tinha como tema "Evangelização no presente e no futuro da América Latina". Puebla afirma que as ações evangelizadoras devem revelar a confiança total em Deus e questionar as falsas seguranças prometidas pelas facilidades socioeconômicas, pois somente Evangelho vivido e proclamado, como Ele o fez, leva à autêntica e total libertação da humanidade.

Lembra também que Igreja está em permanente processo de evangelização, "ajudando a construir uma nova sociedade em total fidelidade a Cristo e ao homem no Espírito Santo, denunciando as situações de pecado, chamando à conversão e comprometendo os fiéis na ação de transformar o mundo, atendendo às exigências da evangelização" (BRIGHENTI, 2016, p. 97).

O tema da Nova Evangelização continuará a ser trabalhado com grande importância no Pontificado de João Paulo II (1978-2005). Como já foi mencionado ele foi o primeiro a fazer uso da expressão literal em uma viagem à sua terra natal em 1979, pouco tempo após sua eleição como Pontífice Romano. E voltará a utilizá-la em 1983, por ocasião de sua visita ao Haiti dirigindo-se ao episcopado reunido para Assembleia do CELAM. Na ocasião o Papa recordou o documento da Conferência de Puebla "no qual os bispos apontaram para uma matriz católica determinante da cultura da América Latina mas que, apresenta desafios próprios" (HACKMANN; CAMARGO, 2016, p. 626). Nas palavras do Papa João Paulo II:

Um povo profundamente religioso, que pede o pão da Palavra de Deus, pois nele coloca a sua confiança. Um povo cuja religião, em sua forma mais

característica, é expressão da fé católica. Por isso se pode dizer que, apesar das deficiências presentes, a fé da Igreja tem marcado a alma da América Latina, constituindo-se na matriz cultural do continente<sup>1</sup>.

O discurso de João Paulo II ilustra a capacidade do Pontífice em contextualizar a real necessidade da Nova Evangelização para os povos da América Latina. Eis um povo colonizado há mais de cinco séculos, em um processo no qual estava atrelado uma ação evangelizadora. A Igreja na contemporaneidade deve novamente empenhar-se numa Nova Evangelização que agora deve contar com a iniciativa comum do Povo de Deus. Enquanto corpo de Cristo todos assumem um compromisso decorrente dessa dignidade, não uma re- evangelização, mas uma Nova Evangelização.

A comemoração de meio milênio de evangelização terá o seu significado pleno se for um renovado compromisso da vossa parte, como Bispos, juntamente com o vosso Presbitério e fiéis, compromisso não de reevangelização, mas de uma evangelização nova. Nova no seu entusiasmo, nos seus métodos, na sua expressão.<sup>2</sup>

A Nova Evangelização não tem pois “por meta uma ‘reconquista’ de uma fé passada, mas uma renovação da chama da fé onde ela se mostre enfraquecida, através da imutável Palavra de Salvação, anunciada, não a pessoas do passado, mas aos homens de hoje” (LOPES, 2015, p. 51). O conceito de Nova Evangelização é pois retomado por João Paulo II relembando a *Evangelii Nuntiandi* e o Concílio Vaticano II.

Ao elencar as suas características, isto é, uma evangelização que seja nova não em seu conteúdo, mas sim em seu ardor, em seus métodos e em sua expressão, o Papa quer indicar que esta é “compromisso e serviço de todos os batizados na sociedade e no mundo através do testemunho da obra de salvação de Cristo”( RABELO, 2017, p. 23). Ressalta também a importante tarefa da Igreja de renovar o seu modo de relacionar com o exterior, principalmente nas regiões de antiga cristianização.

---

<sup>1</sup> Discurso do Papa João Paulo II na Abertura da XIX Assembleia Do CELAM: Catedral de Porto Príncipe, Haiti (9 de Março de 1983). Disponível em: [http://w2.vatican.va/content/john-paulii/pt/speeches/1983/march/documents/hf\\_jpii\\_spe\\_19830309\\_assemblea-celam.html](http://w2.vatican.va/content/john-paulii/pt/speeches/1983/march/documents/hf_jpii_spe_19830309_assemblea-celam.html)

<sup>2</sup> *Idem.Ibidem.*

Pode-se ler na sua exortação apostólica pós-sinodal *Christifidelis Laici* (1984) a preocupação do Pontífice com o tema:

Países inteiros e nações, onde a religião e a vida cristã foram em tempos tão prósperas e capazes de dar origem a comunidades de fé viva e operosa, encontram-se hoje sujeitos a dura prova, e, por vezes, até são radicalmente transformados pela contínua difusão do indiferentismo, do secularismo e do ateísmo. É o caso, em especial, dos países e das nações do chamado Primeiro Mundo, onde o bem-estar econômico e o consumismo, embora à mistura com tremendas situações de pobreza e de miséria, inspiram e permitem viver “como se Deus não existisse”. (CL n. 34).

Ao longo de seu pontificado, João Paulo II insistirá em destacar que o compromisso com a Nova Evangelização não é somente dos clérigos, mas também dos consagrados e dos fieis leigos, ou seja, de todo o Povo de Deus. Considerando essa situação, João Paulo II conclui que apenas uma Nova Evangelização “poderá garantir o crescimento de uma fé límpida e profunda” (COELHO, 2014, p. 228).

Demonstrando o quanto este tema é caro para ele, João Paulo II escreverá uma encíclica com o título de *Redemptoris Missio* publicada em 07 de dezembro de 1990. Dedicada ao tema da “urgência da atividade missionária” e da “validade permanente da atividade missionária” (RM, 1). Nessa encíclica João Paulo II sistematiza o tema da missão, distinguindo três situações distintas:

Antes de mais, temos aquela a que se dirige a atividade missionária da Igreja: povos, grupos humanos, contextos socioculturais onde Cristo e o Seu Evangelho não é conhecido, onde faltam comunidades cristãs suficientemente amadurecidas para poderem encarnar a fé no próprio ambiente e anunciá-la a outros grupos. Esta é propriamente a missão ad gentes. Aparecem depois as comunidades cristãs que possuem sólidas e adequadas estruturas eclesiais, são fermento de fé e de vida, irradiando o testemunho do Evangelho no seu ambiente, e sentindo o compromisso da missão universal. Nelas se desenvolve a atividade ou cuidado pastoral da Igreja. Finalmente, existe a situação intermédia, especialmente nos países de antiga tradição cristã, mas, por vezes, também nas Igrejas mais jovens, onde grupos inteiros de batizados perderam o sentido vivo da fé, não se reconhecendo já como membros da Igreja e conduzindo uma vida distante de Cristo e do Seu Evangelho. Neste caso, torna-se necessária uma “nova evangelização”, ou “re-evangelização”. (RM, 33).

Como já foi dito não há confusão entre os termos “re-evangelização” e “nova evangelização”. A Nova Evangelização é dita Nova, pois “se trata de evangelizar povos que já foram evangelizados no passado, mas que se afastaram da prática evangélica, precisando receber novamente, porém de forma nova, adaptando-se ao novo contexto para assim melhor transmitir a fé em Jesus Cristo” (RABELO, 2017, p. 25). Assim, em sentido estrito, a Nova Evangelização é uma missão, “focando grupos humanos que, mesmo sendo batizados ou tendo um antiga tradição cristã, não praticam mais a fé” (COELHO, 2014, p. 228).

Porém na tarefa da ação evangelizadora nem tudo são luzes. São inúmeras as noites escuras que a Nova Evangelização enfrentará até colher seus primeiros frutos. Na mesma encíclica Joao Paulo II enfatiza essas dificuldades:

Uma das razões mais graves para o escasso interesse pelo empenhamento missionário é a mentalidade do indiferentismo, hoje muito difundida, infelizmente também entre os cristãos, frequentemente radicada em concepções teológicas incorretas, e geradora de um relativismo religioso, que leva a pensar que “tanto vale uma religião como outra” [...] O que deve contar — aqui, como nos demais setores da vida cristã — é a confiança que provém da fé, ou seja, a certeza de não sermos nós os protagonistas da missão, mas Jesus Cristo e o Seu Espírito. Somos apenas colaboradores e, depois de termos feito tudo o que estava ao nosso alcance, devemos dizer: —somos servos inúteis, só fizemos o que devíamos fazer (Lc 17,10) (RM, 36).

Esse trecho da encíclica convida o leitor a relembrar a passagem do areópago ateniense visitado por São Paulo (At 17,22-23). Assim como aquele espaço era símbolo da cultura ateniense, pode-se por associar pensar quais os “novos areópagos” onde o Evangelho deve ser anunciado. O ardor apostólico da Nova Evangelização brota de uma radical conformação com Jesus Cristo, o primeiro evangelizador. Para que haja uma evangelização nova em seu ardor é necessária “uma fé sólida, uma caridade pastoral intensa e uma forte fidelidade que, sob a ação do Espírito, gere uma mística, um entusiasmo incontido na tarefa de anunciar o Evangelho e capaz de despertar a credibilidade para acolher a Boa Nova da Salvação” (RABELO, 2017, p. 26).

Esta é a preocupação da Igreja: evangelizar a todos e de forma nova. Essa preocupação norteará também a IV Conferência do Episcopado Latino Americano (CELAM) realizada em Santo Domingo na República Dominicana (1992) cujo tema era “Nova Evangelização, promoção humana, cultura cristã” e com o lema “Jesus Cristo, ontem, hoje e sempre” (Hb

13,8). No discurso inaugural da Conferência o Papa já manifesta que a Nova Evangelização é a ideia central de toda a temática da Conferência.

Retomando o discurso proferido em Porto Príncipe em 1983, papa deseja que o tema da Nova Evangelização seja aprofundado e esclarecido, para que seja entendido por toda a Igreja e tenham consciência da necessidade de fazer com que as pessoas tenham uma fé clara e sólida. Assim se expressa o Pontífice:

A nova evangelização não consiste num “novo evangelho”, que surgiria sempre de nós mesmos, da nossa cultura ou da nossa análise, sobre as necessidades do homem. Por isso, não seria “evangelho” mas pura invenção humana, e a salvação não se encontraria nele. Nem mesmo consiste em retirar do Evangelho tudo aquilo que parece dificilmente assimilável. Não é a cultura a medida do Evangelho, mas Jesus Cristo é a medida de toda a cultura e de toda obra humana. Não, a nova evangelização não nasce do desejo de “agradar aos homens” ou de “procurar o seu favor” (Gl 1,10), mas da responsabilidade pelo dom que Deus nos fez em Cristo, pelo qual temos acesso à verdade sobre Deus e sobre o homem, e à possibilidade da vida verdadeira.<sup>3</sup>

Para João Paulo a Nova Evangelização “tem como ponto de partida, a certeza de que em Cristo há uma riqueza insondável (Ef 3,8) que não extingue nenhuma cultura de qualquer época e à qual nós homens, sempre poderemos recorrer para enriquecer-nos” (*idem*). “A novidade do anúncio não afeta o conteúdo da mensagem evangélica, pois “Cristo é sempre o mesmo: ontem, hoje e sempre” (Hb 13,8). Para que isso aconteça tenhamos que ter sempre em mente que evangelizar é anunciar uma pessoa, e esta pessoa não pode ser outra senão, Cristo” (*idem*).

Para que esta evangelização tenha uma força renovadora é preciso “ter fidelidade à Palavra de Deus, tenha lugar de acolhida na comunidade eclesial, alento criador no Espírito Santo, que cria a unidade na diversidade, alimenta a riqueza carismática e ministerial, e se projeta ao mundo mediante o compromisso missionário” (RABELO, 2017, p. 29). Assim, a ideia de Nova Evangelização que surge de modo “profético” no Pontificado de João Paulo II encontrará em seu sucessor, Bento XVI um aprofundamento de cunho teológico sem deixar de ser pastoral.

---

<sup>3</sup> Abertura dos Trabalhos Da IV Conferência Geral Do Episcopado Latino-Americano. Discurso do Papa João Paulo II. Santo Domingo, 12 de Outubro de 1992. Disponível em: [http://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/speeches/1992/october/documents/hf\\_jpii\\_spe\\_19921012\\_iv-conferencia-latinoamerica.html](http://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/speeches/1992/october/documents/hf_jpii_spe_19921012_iv-conferencia-latinoamerica.html).

Bento XVI formulou de um modo sábio e profundo, “que ele consistiu em insistir não tanto nos conteúdos da fé, mas revitalizar o ato de crer. A fé não é tanto aquilo em que você crê, mas uma atitude pessoal de liberdade aonde se acolhe a Palavra de Deus” (*idem, ibidem*). A Nova Evangelização, seguindo o caminho traçado pelo Papa João Paulo II, no sentido de uma evangelização com “novo ardor, novos métodos e novas expressões”, em Bento XVI, se incorpora à organização institucional da Igreja com a criação de um novo Dicastério.

Ele toma a iniciativa de instituir, em junho de 2010, através da Carta Apostólica em forma de Motu Proprio *Ubicumque et Semper*; o *Pontifício Conselho para a Promoção da Nova Evangelização*. “Este Dicastério papal é um organismo que leva em consideração as transformações sociais e culturais que desempenham influência sobre a realidade religiosa do ser humano” (HACKMANN; CAMARGO, 2016, p. 636). Através deste Dicastério, Bento XVI salienta os itens que esse Conselho deve cumprir para bem executar a Nova Evangelização:

1. Aprofundar o significado teológico e pastoral da nova evangelização;
2. Promover e favorecer, em estreita colaboração com as Conferências Episcopais interessadas, que poderão dispor de um organismo ad hoc, o estudo, a difusão e a aplicação do Magistério pontifício relativo às temáticas vinculadas à nova evangelização;
3. Dar a conhecer e incentivar iniciativas ligadas à nova evangelização já em curso nas várias Igrejas particulares e promover a realização de outras novas, comprometendo também concretamente os recursos presentes nos Institutos de Vida Consagrada e nas Sociedades de Vida Apostólica, assim como nas agregações de fiéis e nas novas comunidades;
4. Estudar e favorecer a utilização das formas de comunicação modernas, como instrumentos para a nova evangelização;
5. Promover o uso do Catecismo da Igreja católica, como formulação essencial e completa do conteúdo da fé para os homens do nosso tempo. (*Ubicumque et Semper*. Motu Próprio, art. 3, 2010.)

Mesmo em meio aos desafios da Nova Evangelização, Bento XVI lembra que “o ator principal de toda obra genuína de evangelização é o Espírito Santo, tanto para aquele que anuncia a Boa Nova, quanto para aquele que a recebe” (COELHO, 2014, p. 230). Além disso, adverte que “não se deve buscar através da Nova Evangelização uma expansão do domínio humano sobre outros homens, mas apenas o desejo de compartilhar o dom inestimável que Deus nos quis conceder” (*idem. ibidem*).

O Papa Bento XVI deixa claro que é através da missão realizada pela Igreja – agora como Nova Evangelização – “que será possível sensibilizar o coração do ser humano. E aí, tocado e renovado pelo Evangelho de Jesus Cristo, será evangelizado e poderá transformar a situação do mundo em que está vivendo” (HACKMANN; CAMARGO, 2016, p. 637). Seguindo esse pensamento, o Papa Bento XVI convocou entre os dias 7 a 28 de outubro de 2012, o Sínodo dos Bispos para tratar do tema: “A nova evangelização para a transmissão da fé cristã”. Em sua mensagem no encerramento do Sínodo o papa lembra que a Nova Evangelização é uma urgência e que por isso deve ser colocada em prática o quanto antes:

Guiar os homens e as mulheres do nosso tempo a Jesus, ao encontro com Ele, é uma urgência em todas as regiões do mundo, de antiga e de recente evangelização. De fato, em toda a parte se sente a necessidade de reavivar uma fé que corre o risco de se ofuscar em contextos culturais que obstam à sua radicação pessoal e a presença social, a clareza dos conteúdos e os frutos coerentes (BENTO XVI, Mensagem ao Povo de Deus, 2012, 2).

A Nova Evangelização é, portanto, uma atitude, um estilo audaz. “É a capacidade do cristianismo de saber ler e decifrar os novos cenários que nestas últimas décadas se têm vindo a criar na história da humanidade, para habitá-los e transformar em lugares de testemunho e de anúncio do Evangelho” (LOPES, 2015, p 53). Estes cenários foram identificados, analisados e descritos diversas vezes; são cenários sociais, culturais, económicos, políticos, religiosos. As mudanças de cenário não podiam deixar de exercer influência também sobre o modo como os homens deram voz e corpo ao seu sentido religioso.

A Nova Evangelização, neste contexto, exorta a Igreja “a saber discernir os sinais do Espírito na ação, dirigindo e educando as suas expressões, em vista de uma fé adulta e consciente ‘até chegar à medida da plenitude de Cristo’(Ef 4, 13)” (*idem*, p. 54). Bento XVI conclui o Sínodo mas não concluirá a exortação que de práxis é publicada após cada um deles. Com o seu surpreendente pedido de renúncia, será seu sucessor, o Papa Francisco quem dará ao documento uma configuração final. No pontificado do Papa Francisco, a Nova Evangelização pode ser traduzida por uma expressão que é lhe é muito cara: “Igreja em saída”.

### 3. FRANCISCO E A APLICAÇÃO DA NOVA EVANGELIZAÇÃO: UMA IGREJA EM SAÍDA

O pontificado do Papa Francisco, eleito em 13 de março de 2013, inaugura um avanço na interpretação e aplicação do conceito de Nova Evangelização. Francisco trouxe ao centro da Igreja propostas inovadoras sobre o anúncio do Evangelho no mundo contemporâneo, uma “nova etapa evangelizadora”, marcada pela alegria do Evangelho a partir do encontro com Jesus Cristo. Já no primeiro de pontificado, a publicação da *Evangelium Gaudium* em 24 de novembro de 2013, representa a sua preocupação com uma evangelização que seja verdadeiramente nova.

A *Evangelii Gaudium*, remete à XIII Assembleia Geral Ordinária do Sínodo dos Bispos, realizada em 2012, ainda no pontificado do Papa Bento XVI. Esta Exortação Apostólica é muito mais que um relatório que apresenta os resultados finais do Sínodo, mas contém um conteúdo programático do papado de Francisco. O magistério do Papa Francisco “descortina horizontes, ao propor o paradigma de uma “Igreja em saída”, inspira, não sem contradições, a possibilidade de um novo agir pastoral do encontro e da proximidade entre Povo de Deus e Igreja hierarquicamente estruturada” (SUESS, 2016, p 660).

Inegável é a influência da “latinidade” no pensamento de Francisco. Por diversas vezes em seus discursos e escritos, Francisco cita ou relembra documentos do CELAM em especial, o Documento de Aparecida (2007), do qual ele participou ativamente da redação. A V Conferência de Aparecida enfatiza, sobretudo, a participação do povo de Deus na Nova Evangelização como “discípulos missionários”. A missão da Igreja, dos “discípulos missionários” de Jesus, é anunciar a boa nova do reino (DAp, 30).

Francisco ressalta que todos tem o direito de receber o Evangelho e que os cristãos tem o dever de anunciá-lo “não como quem impõe uma nova obrigação, mas como partilha uma alegria, indica um horizonte estupendo, oferece um banquete apetecível (EG, 14). O tema central da exortação *Evangelii Gaudium* é certamente a transformação missionária da Igreja (EG 19). Todo o conteúdo converge para a saída missionária (EG 20), para o alcance de um “preciso estilo evangelizador” (EG18).

Essa atitude coloca a Igreja em “atitude permanente de missão” (EG, 25). E uma Igreja chamada a uma “renovação perene” (EG, 26). “Certas cristalizações de estruturas eclesiais estorvam o dinamismo evangelizador” (SUESS, 2016, p. 661). A renovação da Igreja proposta por Francisco parte de sua natureza missionária, que conduz, por sua vez, a uma

“conversão missionária” (EG 30), que “possui um significado programático e tem consequências importantes” (EG 25). Este trecho da exortação demonstra mais claramente a ideia de evangelização expressa por Francisco:

Espero que todas as comunidades se esforcem por atuar os meios necessários para avançar no caminho duma conversão pastoral e missionária, que não pode deixar as coisas como estão. Neste momento, não nos serve uma ‘simples administração’ [...] Há estruturas eclesiais que podem chegar a condicionar um dinamismo evangelizador; de igual modo, as boas estruturas servem quando há uma vida que as anima, sustenta e avalia. Sem vida nova e espírito evangélico autêntico, sem fidelidade da Igreja à própria vocação, toda e qualquer nova estrutura se corrompe em pouco tempo (EG 25-26).

Francisco salienta pois, que a causa missionária deve ser a primeira de todas as causas da Igreja, e afirma ser “necessário passar de uma pastoral de mera conservação para uma pastoral decididamente missionária” (COELHO, 2014, p. 235). Para Francisco, o foco da Nova Evangelização não são os destinatários, mas os sujeitos. A Nova Evangelização é compromisso de todo batizado, de todo cristão. Assim se expressa o pontífice:

A nova evangelização deve implicar um novo protagonismo de cada um dos batizados[...]; cada cristão é missionário na medida em que se encontrou com o amor de Deus em Cristo Jesus; não digamos mais que somos ‘discípulos’ e ‘missionários’, mas sempre que somos ‘discípulos missionários’. Se não estivermos convencidos disto, olhemos para os primeiros discípulos, que logo depois de terem conhecido o olhar de Jesus, saíram proclamando cheios de alegria: ‘Encontramos o Messias’ (Jo 1,41) (EG, 120).

Assim, como comunidade missionária, a Igreja vai se transformando. “A transformação missionária da Igreja é a Igreja em saída” (SUESS, 2016, p. 662). O Papa Francisco ressaltou três pontos que devem constar na Nova Evangelização: “a primazia do testemunho, a urgência de ir ao encontro e o projeto pastoral centralizado no essencial. E para buscar o essencial, temos que ter em mente que o coração da evangelização é o testemunho da fé e da caridade” (RABELO, 2017, p. 38).

Seguindo a ótica de Francisco, a Nova Evangelização se faz mais com gestos do que com palavras. O paradigma da “Igreja em saída” “exige além de um êxodo geográfico e

social, sobretudo saídas ideológicas, mudanças culturais e revisões históricas” (SUESS, 2016, p. 662). Uma Igreja em saída para chegar às “periferias existenciais” não pode esquecer de olhar para si e para o passado. “A ‘Igreja em saída’ é também uma ‘Igreja enferma pelo fechamento’ (EG 49), que não pode sair apenas com uma ‘aspirina pastoral, sem anamnese profunda, luto coletivo e conversão permanente” (*idem*, p. 663).

“Uma nova evangelização implica, também, mudanças no exercício da autoridade e do poder na Igreja. Por isso, a conversão pastoral precisa passar também por mudanças nas relações de igualdade e autoridade” (BRIGHENTI, 2013, p.103). A Igreja é chamada, pois, “a ser sempre a casa aberta do Pai” (EG 47). Essa abertura pode apontar para um espaço físico, mas também para outras “portas” que de igual maneira não devem estar fechadas. “A porta aberta é sinal de um ir e vir livre, de envio de acolhida que gera participação” (SUESS, 2016, p. 664).

A compreensão do que define Igreja “deve passar do binômio clero-leigos a comunidade-ministérios” (BRIGHENTI, 2013, p.103). “Não existe duas classes de cristãos - clero-leigos - mas, um único gênero, os batizados, que engendra um outro binômio: comunidade-ministérios. Por isso. Aparecida, com Puebla, fala da Igreja como ‘comunhão e participação’” (*idem.ibidem*). Isso implica na “co-responsabilidade dos batizados, em uma Igreja toda ela ministerial” (*idem*.p. 104).

Dessa maneira, existe uma corresponsabilidade de todos os batizados na obra da evangelização. “A Igreja em saída é a comunidade de discípulos missionários[...], que se envolvem, que acompanham, que frutificam e festejam” (EG 24). O dinamismo missionário da Igreja portanto, se dirige a todos. A *Evangelii Gaudium* busca “explicitar como a transformação missionária da Igreja se dá a partir de seus fundamentos, radicados na própria natureza da Igreja, e como é posta em ato pelo sujeito eclesial” (RABELO, 2017, p. 41).

O Papa Francisco sonha com uma Igreja que faça uma opção missionária capaz de transformar tudo e se torne um canal de evangelização do mundo atual. Em suas palavras: “Sonho com uma opção missionária capaz de transformar tudo, para que os costumes, os estilos, os horários, as linguagem e toda a estrutura eclesial se tornem um canal proporcionado mais à evangelização do mundo atual que à autopreservação ( EG 27). Este sonho poderá acontecer na Igreja de hoje “na medida em que ela viva de forma consciente e eficaz sua ação evangelizadora como missão no mundo” (HACKMANN; CAMARGO, 2016, p. 641).

É nesse sentido que importa a questão da espiritualidade. Para assumir a Nova Evangelização a Igreja necessita de evangelizadores “com espírito”, isto é, “que se abram sem medo à ação do Espírito Santo” (EG, 259). Francisco põe que o espírito que deve mover a

Nova Evangelização é o próprio Espírito Santo que é “alma da Igreja evangelizadora” (EG 261). “Tais evangelizadores devem rezar e trabalhar (EG, 262). Não bastaria uma mística sem compromisso social e missionário, nem ações sociais desprovidas de espiritualidade para que se transformem os corações” (COELHO, 2014, pp. 235-236).

Ao tratar de motivações que devem impulsionar os cristãos a levar a Boa Nova, o Papa não hesita: a primeira motivação é o amor que recebemos de Jesus, que sente necessidade de tornar a pessoa amada conhecida por todos, pois “não há nenhuma outra coisa que seja melhor a ser transmitida aos outros” (EG, 264). Em seguida, temos a própria vida de Jesus, “da resposta que nos dá às nossas questões mais profundas, que gera o entusiasmo a partir da convicção de sermos capazes de responder a tais questões” (EG, 265).

E para que a Nova Evangelização persevere é preciso “procurar o mesmo que Jesus procurava, isto é, dar glória ao Pai” (EG, 266) e não se preocupar apenas com os interesses pessoais. A Nova Evangelização é tarefa que deve encher o cristão de alegria, uma “alegria superior que é fonte da força espiritual que favorece o encontro em plenitude com Deus” (COELHO, 2014, p. 236).

Neste sentido, “a tarefa que nos espera não é diferente da que sempre marcou a Igreja: dar a conhecer o verdadeiro rosto de Jesus Cristo, único salvador, revelador do amor misericordioso do Pai que vai ao encontro de todos, sem excluir ninguém” (FISICHELLA, 2017, p.07). Contudo isso não anula a necessidade de adequação, uma adaptação por parte da Igreja, da sua forma de “fazer” a Nova Evangelização. Diante disso, o testemunho de vida se faz item pertinente no processo de evangelizar nos dias de hoje.

O Testemunho de vida é uma consequência da autenticidade da vida cristã. Portanto, “o testemunho de vida é, para o cristão, a manifestação de uma vida ancorada em Deus Pai, que nos enviou o seu Filho para a nossa salvação e nos dá o Espírito Santo para nos fortalecer, santificar e guiar no caminho que nos conduz à vida, no amor a Deus e ao próximo” (LOPES, 2015, p. 69). “Trata-se de viver profundamente uma vida de fé, pois o testemunho dessa vida de fé pode suscitar a pergunta sobre qual é a razão de se ter esperança” (IWASHITA, 2014, p. 110).

A nossa fé é um real encontro com a pessoa de Cristo que nos interpela; Ele que deu a vida por nós e que nos chama à comunhão no amor manifesto pela sua entrega na cruz. Rebaixando-se, desceu ao mundo do pecado para nos levar à Santidade de Deus (Fl 2, 6-8). “Santidade esta que se torna um programa de vida, *sine qua non*, do cristão” LOPES, 2015, p. 70). Portanto, “é pela fé que abraçamos um caminho que se percorre, com a força do Espírito, no amor a Deus e ao próximo. Este amor que deve ser visível no nosso modo de ser, ou seja,

deve comunicar a santidade de vida a que somos chamados” (*idem*, p. 71) e de dessa maneira se transmite com autenticidade e sinceridade a fé que professamos.

Assim se compreende o papel do testemunho atrelado à fé. “É muito importante que os cristãos mostrem a sua fé através de convicções firmes, da vida coerente com ela, da alegria e da serenidade que ela traz. Mostrem, por outro lado, que a fé muda a pessoa para melhor e a torna humanamente rica de virtudes” (IWASHITA, 2014, p. 110). “A fé que professamos está obrigada a ‘dar nas vistas’, pois, ‘o professar com a boca indica que a fé implica um testemunho e um compromisso públicos’. A fé tem uma dimensão prática, sem a qual ela perde vida” (LOPES, 2015, p. 72).

Como imediata consequência do testemunho de vida está uma autêntica busca de conversão e o anseio da santidade. “Da nossa condição de cristão nasce o chamamento à santidade. Portanto, a santidade é inerente ao ser cristão” (*idem*, p. 75). Toda a atividade missionária da Igreja, em particular a Nova Evangelização tem a santidade por dinamismo. Santidade esta que “se manifesta através do testemunho da nossa própria fé, da caridade sem limite, do amor vivido e posto em prática nas atividades quotidianas” (*idem*, p. 77).

Pode-se concluir que “a evangelização, o apelo à santidade e à conversão, tornam-se assim três palavras-chave intimamente ligadas: constituem o conteúdo desta reforma que a Igreja é chamada a viver” (*idem*, p. 78). Só é possível chegar à fé, vivê-la com autenticidade, aceitar, corresponder ao apelo à santidade e conseqüentemente à conversão, “fazer nova evangelização” quando se permite ser movido pelo Espírito Santo. E aqui se percebe a importância do testemunho que deu a Virgem Maria sobre uma vida de fé.

“Maria foi a primeira evangelizada, e é a evangelizadora por excelência” (IWASHITA, 2014, p. 122). A razão de ser de Maria e da Igreja é a de receber a Cristo para anunciá-lo ao mundo. “A Igreja olha para Maria como ponto de referência para os povos e para a humanidade inteira (DAp, 268). Maria é a “Mãe da Igreja evangelizadora e sem Ela não podemos compreender cabalmente o espírito da Nova Evangelização” (EG, 284).

Nas palavras da exortação:

Assim Maria é a Estrela da Nova Evangelização. Podemos pedir a ela que interceda, que essa nova etapa da evangelização, a Nova Evangelização, que esse compromisso seja assumido por toda a comunidade eclesial, que possamos anunciar a todos a mensagem da salvação e para que os novos discípulos se tornem operosos evangelizadores [...] esta dinâmica de justiça e ternura, de contemplação e de caminho para os outros faz dela um modelo eclesial para a evangelização. (EG 287-288).

O Papa Francisco se refere a um “estilo mariano” na atividade evangelizadora da Igreja, pois “ela faz acreditar na força revolucionária da humildade, da ternura e do afeto” (EG 288), além de apontar para outros aspectos da vida de Maria que servem como modelo da ação evangelizadora da Igreja. Maria está presente na Nova Evangelização como “modelo e protótipo de fé, e como membro eminente da Igreja, ela permanece na comunidade eclesial orante e atuante, animando para o compromisso missionário e generosidade na doação” (IWASHITA, 2014, p. 124).

Enfim, o exemplo só reforça o traço da santidade que é inerente a todo aquele que segue Jesus Cristo e que colabora com a Nova Evangelização. O testemunho de vida de Maria, por menor que seja os relatos bíblicos são suficientes para ilustrar a ideia de que o testemunho de vida também é fator primordial na ação evangelizadora. Portanto, “qualquer projeto de evangelização, de anúncio e de transmissão da fé, não pode ignorar esta necessidade de ter homens e mulheres que, com a sua conduta de vida, dão força ao empenho evangelizador que vivem” (LOPES, 2015, p. 87).

A Igreja tem necessidade não só de rever os seus métodos e estratégias, mas sobretudo aumentar a qualidade do seu testemunho. “A Igreja tem de dar testemunho alegre de uma vida que brota da contemplação, do encontro com Cristo testemunho de hoje, tem de ser convicto, coerente e persistente, nos vários meios em que a vida decorre” (*idem*, p. 89). Todos são convidados pois, a evangelizar com a vida. Isso “requer, antes de mais, o compromisso de viver o Evangelho que pregamos, de o incarnar na vida pessoal e comunitária, de forma que, o anúncio da Boa Nova seja sustentado pela força do próprio testemunho evangélico” (*idem*, pp. 89-90).

Papa Francisco recorda na exortação *Evangelii Gaudium* a necessidade de estarmos convencidos de que a vida sem Cristo perde o seu verdadeiro sentido, para podermos permanecer numa fervorosa evangelização:

Não se pode perseverar numa evangelização cheia de ardor, se não se está convencido, por experiência própria, que não é a mesma coisa ter conhecido Jesus ou não O conhecer, não é a mesma coisa caminhar com Ele ou caminhar tateando, não é a mesma coisa poder escutá-Lo ou ignorar a sua Palavra, não é a mesma coisa poder contemplá-Lo, adorá-Lo, descansar n’Ele ou não o poder fazer. (...) E uma pessoa que não está convencida, entusiasmada, segura, enamorada, não convence ninguém. (EG, 266)

O papa Francisco recorda que “Jesus quer evangelizadores que anunciem a Boa Nova, não só com palavras mas sobretudo com uma vida transfigurada pela presença de Deus” (EG, 259). A evangelização é, na essência, um gesto de amor. Não se chega coração da evangelização se preocupando tão somente com normas ou regras. O cristianismo não será salvo pelas táticas, mas por uma fé repensada e revivida de modo novo, “mediante o qual Cristo, e, com Ele, o Deus vivo, entra neste nosso mundo. A primazia deve ser dada ao testemunho, portanto, como principal instrumento para levar a toda pessoa, de qualquer lugar e em todo tempo, o anúncio de que a salvação se tornou realidade” (LOPES, 2015, p.92).

Não há Evangelização sem uma fé vivida. O anúncio pressupõe o testemunho de vida. “Só na força do Espírito Santo, que acompanhou e acompanha todos os discípulos de Cristo que se abrem à sua ação, podemos ser autênticos “cristos” na sociedade de hoje, mesmo com as nossas debilidades e fraquezas” (*idem*, p. 97). O Papa Francisco em seu pontificado tem sido muito feliz ao escrever sobre esse tema. Ano passado ele publicou a exortação apostólica *Gaudete et Exsultate* sobre o chamado à santidade no mundo atual.

Pertencendo à família divina e entendendo-nos como frutos do amor ilimitado da Trindade, nascidos do amor de Deus e predestinados ao amor, recebemos a missão de comunicar esse amor aos demais homens e mulheres pelo testemunho, através do próprio modo de viver, através do amor e da caridade. A santidade não é nada mais do que a “caridade plenamente vivida” (GE, 21). Ao relacionar a santidade e a missão evangelizadora de todo cristão assim se expressa o Papa Francisco:

Precisamos de um espírito de santidade que impregne tanto a solidão como o serviço, tanto a intimidade como a tarefa evangelizadora, para que cada instante seja expressão de amor doado sob o olhar do Senhor. [...]. Cada cristão, quanto mais se santifica, tanto mais fecundo se torna para o mundo. Assim nos ensinaram o bispo da África Ocidental: ‘Somos chamados, no espírito da nova evangelização, a ser evangelizados e a evangelizar através de da promoção de todos os batizados para que assumam as suas tarefas como sal da terra e luz do mundo onde quer que se encontrem’. Não tenhas medo de apontar para mais alto, de te deixares amar e libertar por Deus. (GE, 31; 33).

Francisco faz vislumbrar um caminho acessível da santidade. Todos são chamados a ser santos, vivendo com amor e oferecendo o próprio testemunho de vida. Santidade é avançar corajosamente na direção do futuro, do novo, do diferente, com alegria, com ousadia e ardor e na oração constante. Santidade que leva cada homem e a mulher a viver em plenitude, com

entusiasmo e disponibilidade, mas também com muito realismo e, por isso, exige discernimento. A santidade une liberdade e responsabilidade para atuar diretamente nos destinos da história, fazendo acontecer a transformação do mundo e do convívio social, exatamente o que exige a tarefa da Nova Evangelização.

### 3.1 A nova evangelização na Igreja do Brasil

Por meio de tudo o que foi visto até aqui, pode-se perceber o entendimento linear que a Igreja adota na compreensão da Nova Evangelização. Mas como ela é aplicada nas Igrejas locais, isso é que faz toda a diferença. Por isso, este projeto de pesquisa considera importante dedicar um pequeno espaço para analisar como a temática da Nova Evangelização é recebida e aplicada na realidade eclesial brasileira.

A América Latina e o Brasil de igual modo, tendo já recebido uma primeira evangelização nos últimos quinhentos anos pode então falar de uma Nova Evangelização. A Igreja no Brasil, por meio do seu episcopado respondeu à proposta de uma forma muito pastoral. No período imediatamente posterior ao Concílio Vaticano II, os bispos decidiram elaborar o chamado *Plano de Pastoral de Conjunto* em 1967. Em 1970, após avaliação dos acertos e das inadequações, e percebendo a impossibilidade de definir um plano concreto para todo o país, decidiu-se distinguir diretrizes e planos.

As diretrizes trazem um relato breve, mas completo do planejamento pastoral, contudo a execução do Plano em si fica a cargo dos regionais e das Igrejas particulares que vão analisar a aplicação ou não do que foi pensado nas diretrizes. “A ideia de ‘diretrizes’ pretende favorecer assumir juntos a evangelização, em comunhão, permitindo dar a devida atenção à realidade local, à pluralidade das situações das dioceses de Brasil” (ROCHA, 2017, p. 02).

As diretrizes elaboradas e aprovadas pela CNBB, passaram a definir o seu objetivo geral com a palavra “evangelizar” que resulta até na mudança da nomenclatura adotada. De 1975 a 1995 eram denominadas “Diretrizes Gerais da Ação Pastoral” depois passaram a ser “Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora” (DGAE). Para os bispos não se tratou apenas de uma mudança de nomenclatura, mas “expressa a centralidade e a urgência da missão de evangelizar numa realidade em rápido processo de mudança. As Diretrizes pretende ser respostas à necessidade de um novo modo de evangelizar” (*idem, ibidem*).

Atrelados às Diretrizes, foram propostos “projetos de evangelização” para todo o País: “Rumo ao Novo Milênio” (1996-2000); “Ser Igreja no Novo Milênio” (2001-2002) e “O Brasil na Missão Continental”. A acolhida das Conferências Gerais do Episcopado

Latinoamericano (CELAM) nas diretrizes contribui para renovação da ação pastoral e evangelizadora da Igreja no Brasil. Os documentos conclusivos dessas conferências servem como norte na elaboração das Diretrizes. O documento de Aparecida (DAp) vêm guiando desde 2008 a DGAE no Brasil.

A Assembleia Sinodal sobre a Nova Evangelização (2012) e a *Evangelii Gaudium* implicarão diretamente nas atuais DGAE (2015-2019). Pela primeira vez, ao invés de se elaborar novas Diretrizes, os Bispos optaram por atualizar as que estavam em vigor (DGAE, 2011-2015). “O caráter missionário da nova evangelização passa a receber maior relevo nas Diretrizes à luz de Aparecida e da EG” (*idem*, p. 03). Segundo as próprias Diretrizes: “Evangelizar, a partir de Jesus Cristo e na força do Espírito Santo, como Igreja discípula, missionária e profética, alimentada pela Palavra de Deus e pela Eucaristia, à luz da evangélica opção preferencial pelos pobres, para que todos tenham vida ,rumo ao Reino definitivo” (DGAE, 2011-2015, p. 02).

A DGAE pretendem motivar toda a Igreja do Brasil a “prosseguir no caminho da renovação pastoral, no contexto de uma nova evangelização, com novo ardor missionário e criatividade pastoral” (ROCHA, 2017, p. 03). O capítulo III do documento ressalta as “Urgências na ação evangelizadora” e o capítulo IV dá continuidade ao raciocínio destacando “Perspectivas de ação”. As Diretrizes sintetizam muito bem essas urgências:

De acordo com essas urgências, a Igreja no Brasil se empenha em ser uma Igreja em estado permanente de missão, casa da iniciação à vida cristã, fonte da animação bíblica da vida e da pastoral, comunidade de comunidades, a serviço da vida em todas as suas instâncias. Estes aspectos encontram-se unidos de tal modo, que assumir um deles implica que se assumam os outros. Estão sempre presentes, pois se referem a Jesus Cristo, à Igreja, à vida comunitária, à Palavra de Deus como alimento para a fé, à Eucaristia como alimento para o serviço ao Reino de Deus, a caminho da vida eterna. (DGAE, n. 32).

As DGAE enfatizam, pois a finalidade da Nova Evangelização em si, isto é, “a transmissão da fé cristã, sem cair numa visão pastoral imediatista ou pragmática que busca resultados a qualquer custo. É importante considerar que a fé, conforme o Catecismo da Igreja Católica, se expressa como fé professada, fé celebrada e fé vivida” (ROCHA, 2017, pp. 03-04). Isso exige uma abordagem ampla, com uma ação evangelizadora que procurar contemplar os vários aspectos da fé.

Não se pode deixar de reconhecer portanto as iniciativas importantes que a Igreja do Brasil promoveu em prol da evangelização sobretudo na era pós-conciliar. Contudo, não se pode deixar de notar que falta ainda um pouco mais de audácia e coragem de transformar as Diretrizes em propostas mais concretas de uma “Igreja em saída”. A Igreja “em saída” enfrenta muitos obstáculos, no mundo afora e aqui no Brasil. São muito os obstáculos, as ambivalências, as contradições.

Muitos preferem se agarrar às próprias ‘falsas seguranças’. A Igreja “em saída” ao contrário exige “prudência e audácia” (EG, 47), “ousadia” (EG, 85) e “coragem” (EG, 167). A Igreja no Brasil necessita ser mais audaciosa . A “Igreja em saída” é um paradigma diferente. Ele não traz fórmulas prontas de atuação e aplicação. “Há o risco de planificação excessiva, sobrevalorizando textos (papel), técnicas, especialistas e eficácia, em detrimento da espiritualidade e da graça” (ROCHA, 2017, p. 01).

“Não deixemos que roubem nosso entusiasmo missionário!” (EG 80), “Não deixemos que nos roubem a alegria da evangelização!” (EG, 83), “Não deixemos que nos roubem a força missionária” (EG, 109). . São os apelos do Papa Francisco. A Nova Evangelização é, pois, um horizonte que se vislumbra tão somente caminhando ainda que em meio a pedras e sonhos. O que não se pode fazer é desanimar.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho se propôs a analisar e refletir sobre o tema da Nova Evangelização considerando a importância do tema na vida da Igreja, sobretudo para uma ação pastoral que saiba responder aos anseios da contemporaneidade marcada por relações globais e líquidas. Percebe-se claramente que a Nova Evangelização não é algo que foi “criado” pelo Papa João Paulo II. Apesar de ter sido o primeiro a utilizar o termo de forma sistemática em seus discursos e documentos, o mesmo magistério da Igreja nunca deixou, contudo de apelar para a necessidade de uma conversão que é sinal de maturidade cristã e da santidade da Igreja, expressão na santidade dos seus membros, chamados a cumprir o seu dever missionário, de modo particular, a partir do Vaticano II.

Assim, o papa João Paulo II apenas aprofunda uma necessidade da qual a Igreja já havia despertado muito antes. Exatamente por isso, por se tratar de uma proposta eclesial, os sucessores de João Paulo II continuarão a expressar a necessidade desse processo e incentivá-lo. Bento XVI ao instituir o Pontifício Conselho para a Nova Evangelização e ao convocar um Sínodo para tratar sobre o tema, deixa nítida a sua visão de que o tema deve ser assumido pela Igreja como uma proposta pastoral em contínuo dinamismo.

Prosseguindo com Francisco, o entendimento sobre a Nova Evangelização é que ampliado, abarcando todas as dimensões da vida da Igreja. Não foi a toa, que ele se apressa em publicar o documento conclusivo do Sínodo entregando ao mundo a exortação *Evangelii Gaudium*. Nessa exortação o Papa destaca a sublimidade da tarefa evangelizadora que enche de alegria o coração daquele que sabe assumir esta causa. Uma tarefa que é cheia de esperanças, pois trata-se de anunciar, de propor um encontro não somente com uma doutrina, mas um encontro real, pessoal e existencial com Jesus Cristo.

Para tanto, a ação missionária da Igreja tem de munir-se com um novo ardor e novas metodologias, que antes de tudo têm de ser vividos no interior dela mesma. As primeiras e principais mudanças deverão acontecer dentro da Igreja; na forma como ela vive a sua fé e a partilha com os demais. Também a vida cristã deve ser modelo e referencial de atuação na missão evangelizadora. O testemunho cristão não deve ser visto como uma opção mas como um imperativo. O mais eficaz dos testemunhos é aquele sustentado pela integridade de vida. Grande é o poder e a força de um testemunho autêntico de vida. Esse poder e essa força que dão sustentação à Nova Evangelização.

Sem a menor presunção de querer encerrar um tema de reflexão tão abrangente e tão rico esse trabalho insiste em uma ideia. A de que a Nova Evangelização proposta pela Igreja

para todos os batizados é uma urgência de nossa época. E é proposta ao mundo como uma renovada ação pastoral contextualizada numa sociedade pós-moderna, onde a Nova Evangelização precisa se contrapor a esta realidade. O êxito da Nova Evangelização depende da ação conjunta de todos, todos os cristãos são protagonistas da missão evangelizadora.

Essa pesquisa pretende lançar pois um olhar de otimismo e sobretudo de esperança para a missa evangelizadora da Igreja. Sem querer formular nenhum postulado de “como fazer” a Nova Evangelização esse trabalho já terá alcançado um resultado positivo desta se conseguir ao menos conscientizar e motivar os cristãos a um despertar missionário, fazendo com que haja um impulso eclesial para uma evangelização eficaz e consciente.

## REFERÊNCIAS

- BENTO XVI. **Motu Proprio Ubicumque et Semper**. Disponível em: [http://w2.vatican.va/content/benedictxvi/pt/apost\\_letters/documents/hf\\_benxvi\\_apl\\_20100921\\_ubicumque-et-semper.html](http://w2.vatican.va/content/benedictxvi/pt/apost_letters/documents/hf_benxvi_apl_20100921_ubicumque-et-semper.html). Acesso em:
- BRIGHENTI, Agenor. **Por uma evangelização realmente nova**. In. Revista Perspectiva Teológica, Ano 45, N. 125, p. 83-106, Belo Horizonte, 2013.
- CARVALHO, Jordan. **A evangelização na “Evangelii Nuntiandi” e “Evangelii Gaudium”**. In. Anais do Congresso Estadual de Teologia. São Leopoldo: EST, v. 2, p. 405-419, 2016. Disponível em: <https://anais.est.edu.br/index.php/teologiars/article/download/535/41> acesso em em
- CELAM. **Documento de Aparecida** - Texto conclusivo da V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe. São Paulo: Edições CNBB/Paulus/Paulinas, 2007.
- COELHO, Renato Arnellas. **A Nova Evangelização e sua importância para o Brasil**. In Revista Eletrônica Espaço Teológico, Vol 8, n. 14, p. 225-241, 2014. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/reveleto/article/view/21563> acesso em:
- CONCÍLIO ECUMÊNICO VATICANO II. **Constituição Dogmática Lumen Gentium sobre a Igreja**, In: Documentos do Concílio Ecumênico Vaticano II (1962-1965). São Paulo: Paulus, 1997: 101-213.
- \_\_\_\_\_. **Constituição pastoral Gaudium et Spes sobre a Igreja no mundo de hoje**. In Documentos do Concílio Ecumênico Vaticano II (1962-1965). São Paulo: Paulus, 1997: 539-661.
- \_\_\_\_\_. **Decreto Ad Gentes sobre a atividade missionária da Igreja**, In: Documentos do Concílio Ecumênico Vaticano II (1962-1965). São Paulo: Paulus, 1997: 101-213.
- CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL (CNBB). **Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil: 2011-2015**. Brasília: 2011.
- FRANCISCO. **Exortação Apostólica Evangelii Gaudium**. São Paulo: Paulinas, 2013.
- \_\_\_\_\_. **Exortação Apostólica Gaudete et Exultate**. São Paulo: Paulus, 2018.
- FISICHELLA, Rino. **A Nova Evangelização: o desafio da Igreja no início do terceiro milênio**. Rio de Janeiro: 2017. Disponível em: [http://arqrio.org/files/repository/1\\_\\_\\_Fisichella\\_1\\_27012017142334.pdf](http://arqrio.org/files/repository/1___Fisichella_1_27012017142334.pdf) Acesso em
- HACKMANN, Geraldo Luiz Borges. ; CAMARGO, Tiago Ávila. **A expressão “nova evangelização” e seu desenvolvimento: do pontificado de João XXIII a Francisco**. In.: Revista Ateo, v. 20, n.54, p. 623-643, Rio de Janeiro, 2016. Disponível em: <https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/27768/27768.PDF> acesso em

IWASHITA, Pedro K. **A presença de Maria na nova evangelização.** In. Revista Atualidade Teológica. V. 46, pp. 104-126, Rio de Janeiro, 2014. Disponível em:

<https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/23289/23289.PDF>

JOÃO PAULO II. **Exortação apostólica pós-sinodal Christifideles laici** - sobre vocação e missão dos leigos na Igreja e no mundo. 9 ed. São Paulo: Paulinas, 2010.

\_\_\_\_\_. **Carta Encíclica Redemptoris Missio.** 5 ed São Paulo: Paulinas, 2009.

LOPES, Elson Paulo Correia. **Missão Ad Gentes e Nova Evangelização: a pertinência do testemunho de vida.** Porto, 2015. Disponível em:

<https://repositorio.ucp.pt/bitstream/10400.14/.../Dissertação%20Elson%20Lopes.pdf>

MATOS, Henrique Cristiano José. **Nossa história- 500 anos de presença da Igreja Católica no Brasil** – Tomo I (período colonial). 3 ed. São Paulo: Paulinas, 2011.

MONDIN, Gian Batista. **As novas ecclesiologias.** São Paulo: Paulinas, 1984.

PAULO VI. **Exortação apostólica Evangelii Nuntiandi** - sobre a evangelização no mundo contemporâneo. 11 ed. São Paulo, Paulinas, 2013.

RABELO, Felipe Santana. **A Nova Evangelização: de João Paulo II a Francisco.** São Paulo, 2017. Disponível em: [www.faculadadesaobento.com.br/.../pesquisas\\_05648914-06534726-9587-282018](http://www.faculadadesaobento.com.br/.../pesquisas_05648914-06534726-9587-282018) acesso em:

ROCHA, Sérgio da. **A Nova Evangelização no Brasil: Aspectos históricos, desafios e perspectivas.** Brasília, 2017. Disponível em:

[http://arqrio.org/files/repository/7\\_Srgio\\_da\\_Rocha\\_27012017141245.pdf](http://arqrio.org/files/repository/7_Srgio_da_Rocha_27012017141245.pdf) acesso em:

SUESS, Paulo. **Igreja em saída: compromissos e contradições na proposta missionária do Papa Francisco.** In. Revista Pistis & Práxis: Teologia e Pastoral, Vol. 8, n. 3, pp. 659-671, Curitiba, 2016. Disponível em:

<https://periodicos.pucpr.br/index.php/pistispraxis/article/download/1312/1249> acesso em

VIGANÓ, Egidio. **A “Nova Evangelização”:** atas do Conselho Geral, Roma, 1989. Disponível em:

[http://salesianos.com.br/wp-content/uploads/2015/12/ACG\\_343\\_Umamensagemeclesialdenovaevangelizacao\\_Egidio\\_-\\_Vigano.pdf](http://salesianos.com.br/wp-content/uploads/2015/12/ACG_343_Umamensagemeclesialdenovaevangelizacao_Egidio_-_Vigano.pdf)